

XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

ANPUH: 50 anos

São Paulo, 17 a 22 de julho de 2011.

Universidade de São Paulo (USP)

Cidade Universitária



Você está em: [Página inicial](#) » [Simpósios Temáticos](#) »

[074. História, Cinema e Televisão: a experiência do real na narrativa fílmica e televisiva](#)

074. História, Cinema e Televisão: a experiência do real na narrativa fílmica e televisiva

Coordenadores: **EDUARDO VICTORIO MORETTIN** (Pós-doutor(a) - Universidade de São Paulo), **MÔNICA ALMEIDA KORNIS** (Doutor(a) - CPDOC/FGV)

Local: Sala Edgar Carone - Prédio da História e Geografia

Resumo: A questão do "real" como matéria da narrativa ficcional e do documentário envolve diretamente o exame das relações entre história e cinema/televisão. Em que pese sua definição sempre precária, o real está na esfera do vivido, do efetivamente acontecido como processo social e histórico verificável, através de "indícios" documentais, vestígios materiais e relatos de memória. Se é plausível afirmar que todo filme manipula os dados de sua história, no sentido narrativo do termo, o documentário e a ficção tangenciam o real a partir de uma lógica invertida. O primeiro, mesmo quando quer minimizar as mediações com o real filmado, não escapa às regras de exposição que constituem sua especificidade fílmica, como a entrevista, a locução, o filmar fora do estúdio, etc. O segundo, por sua vez, não deixa de friccionar os eventos e as estruturas da realidade no qual se insere ou representa, bastando para isso trazer o exemplo recente de 'Tropa de Elite 2' (2010), de José Padilha, em que as convenções do cinema de gênero (policial/político) potencializam o discurso em torno do problema da violência no Brasil. A incorporação do real em sua dimensão histórica informa o cinema e a televisão de diferentes maneiras. No caso do filme e/ou programa televisivo com temática histórica, o real é incorporado na forma de alusões, referências e representações de personagens, eventos, espaços e períodos, fazendo com que as obras - sejam ficções ou documentários - dialoguem com as fontes e com os debates historiográficos sobre o passado representado, como indicam, dentre outros, 'Os Inconfidentes' (1972), de Joaquim Pedro de Andrade, e as minisséries exibidas pela Rede Globo a partir dos anos 1980. Assim, mais do que discutir a singularidade do documentário ou da ficção como formas audiovisuais mais ou menos próximas do real, nos propomos a analisar as tensões advindas desta relação na construção das narrativas fílmicas e televisivas, que nos remetem a uma série de questões pontuais que demarcam esta relação: o uso de imagens de arquivo; a ficção histórica naturalizada; o lugar do evento na representação fílmica; a ilusão da objetividade no documentário e o efeito de verdade na ficção, dentre outras abordagens possíveis diante do universo de autores, produtos audiovisuais e temas

Justificativa: Os campos fronteiriços entre o documentário e a ficção vem sendo questionados nos estudos sobre cinema e audiovisual e discutidos pela produção audiovisual contemporânea, como, por exemplo, Jogo de Cena (2007), filme-pensamento de Eduardo Coutinho que exercita os limites da representação em um processo de reflexão que abarca o próprio cinema ao instaurar um curto no circuito documentário/ficção.

O destaque conferido ao caráter de mediação presente em um filme, que realça seu estatuto discursivo, não tem como implicação direta aceitar a idéia de que nos encontramos sempre no âmbito das representações, distantes de qualquer vínculo com o real. O filme é arma de combate, como nos lembra Marc Ferro, que dialoga sempre com o seu presente, mesmo quando se propõe retratar a sociedade romana na época de Spartacus ou o futuro dominado pela incorporação de outros planetas subjugados dentro de um novo tipo de imperialismo, como no caso de Avatar (2009), de James Cameron. Não se trata aqui, portanto, de fazer as aproximações realizadas por Robert Rosenstone, para quem a história escrita tem uma dimensão ficcional tal como a expressa nos filmes históricos. Concordamos com ele quando nos diz

que: “a) nem as pessoas nem as nações vivem ‘relatos’ históricos; as narrações, ou seja, tramas coerentes com um início e um final, são elaboradas por historiadores numa tentativa de dar sentido ao passado; b) os relatos dos historiadores são, de fato, ‘ficções narrativas’; a história escrita é uma recriação do passado, não o passado em si; c) a realidade histórica, no discurso narrativo, está condicionada pelas convenções de gênero e de ponto de vista (como ocorre com os romances de ficção) que o historiador tem escolhido - irônico, trágico, heróico ou romântico -; d) a linguagem nunca é asséptica, em consequência não pode refletir o passado tal como ele ocorreu; ao contrário, a linguagem cria, estrutura a história e a imbuí de um significado” (ROSENSTONE, Robert. História em Imagens, História em Palavras. In: O Olho da História. (5): 112, 1998). De fato, a história traz uma dimensão discursiva, recorrendo a procedimentos específicos de constituição, como nos mostra as classificações propostas por Hayden White (Meta-história. São Paulo, Edusp, 1995, e Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo, EDUSP, 1994). Porém, devemos nos lembrar que a História não incide sobre o mesmo campo da Literatura. Pierre Vidal-Naquet enfrentou a questão ao discutir o revisionismo histórico a propósito do Shoah, experiência limite para aqueles dedicados ao tema da representação. Em seu livro Os Assassinos da História, Vidal-Naquet sentencia: “se o discurso histórico não se ligasse por quantos intermediários quisermos ao que chamaremos, na ausência de um termo melhor, de real, continuaríamos no discurso, mas num discurso que deixaria de ser histórico” (Os assassinos da memória. Campinas, SP, Papirus, 1988, p. 170).

Nossa intenção, portanto, é a de aprofundar os estudos sobre história, cinema e televisão para além da análise representacional ou ideológica em si mesma, percebendo as tensões entre o evento, as relações sociais e a construção da narrativa fílmica e televisiva, como epicentro da análise histórica. Obviamente, não se trata de cotejar a narrativa audiovisual com o ‘acontecido’ para ver quem é o perdedor (perspectiva presente em muitos dos textos da coletânea ‘A História vai ao Cinema’, organizados por Jorge Ferreira e Mariza Soares em 2001), mas analisar os diálogos entre ambos, tomando como “real”, no plano historiográfico, os “indícios” documentais e as narrativas não-ficcionais que envolvem eventos, personagens e processos localizados em determinados tempos e espaços.

Enfim, essas são as questões gerais que nortearão, ao longo do seminário, as análises dos filmes e dos programas de televisão.

Bibliografia: BAECQUE, A. L’Histoire-caméra. Paris, Gallimard, 2008.

BERNARDET, J. C. Cineastas e imagens do povo. 2ª ed. SP, Companhia das Letras, 2003.

CAPELATO, M. H. e outros (orgs.). História e cinema: dimensões históricas do audiovisual. SP, Alameda Casa Editorial, 2007.

DELAGE, C. La vérité par l’image. De Nuremberg au procès Milosevic. Paris, Denoël, 2006.

FERRO, M. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). História: novos objetos. RJ, Francisco Alves Ed., 1976, p. 199 - 215.

KORNIS, M. Cinema, televisão e história. RJ, Zahar Editora, 2008.

LAGNY, M. De l’Histoire du cinéma. Méthode historique et histoire du cinéma. Paris, Armand Colin, 1992.

LEUTRAT, J-L. Uma relação de diversos andares: Cinema & História. In: Imagens. Cinema 100 anos. (5): 28 - 33, ago./dez. 1995.

LINDEPERG, S. ‘Nuit et Brouillard’. Un film dans l’histoire. Paris, Odile Jacob, 2007.

MORETTIN, E. Dimensões históricas do documentário brasileiro no período silencioso. In: Revista Brasileira de História. 25 (49): 125 - 152, jan. - jul. 2005.

NAPOLITANO, M. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla B. Fontes Históricas. SP, Contexto, 2005, p. 235 - 289.

NORA, P. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Projeto História. (10): 7 - 28, dez. 1993.

NÓVOA, J. e outros (orgs.). Cinematógrafo. Um olhar sobre a história. SP/Bahia, Ed. UNESP/EDUFBA, 2009.

RAMOS, A. Canibalismo dos fracos. Bauru, SP, Edusc, 2002.

ROMANO, R. (org.), Enciclopédia Einaudi, Memória - História. S.l.p., Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, vol. 1.

SOBCHACK, V. (ed.). The Persistence of History: Cinema, Television, and the Modern Event. New York, Routledge, 1996.

SORLIN, P. The Film History. Oxford, Basil Blackwell, 1980.

XAVIER, I. O olhar e a cena. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

_____. O que é isso, companheiro?: as ilusões do olhar neutro e a banalização. In: Praga, (3), 1997.

